



## COGITAÇÕES SOBRE GÊNERO NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Lucimar da Luz Leite<sup>1</sup>

Cristina Satiê Pátaro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto incide em socializar os resultados obtidos em pesquisa de Iniciação Científica cujo objetivo foi estudar acerca de elementos inerentes às relações de gênero na juventude. Para tanto, fez-se uso de entrevistas semiestruturadas realizadas com 30 jovens estudantes na faixa etária entre 15 a 17 anos. A partir da análise dos dados, averiguamos atribuições culturais de gênero nas vivências dos/as jovens estudantes, trazendo limites e possibilidades às suas vivências e expectativas.

**Palavras-chave:** Juventude. Gênero. Aprendizagens culturais.

### 1 INTRODUÇÃO

Discorrer sobre gênero na atualidade se faz necessário, uma vez que essa temática encontra-se presente no espaço escolar e em muitos momentos é trabalhada de forma naturalizada, oportunizando aos/as alunos/as aprendizagens que reforcem as diferenças produzidas historicamente quanto ao gênero.

A intenção deste texto, que aborda a temática de gênero na juventude, consiste em apresentar os resultados da pesquisa de cunho qualitativo, que teve como objetivo investigar em que medida as experiências, expectativas, escolhas e metas protagonizadas pelos jovens expressam desigualdades nas relações de gênero e de que modo as diferenças de gênero se revelam no cotidiano dos jovens estudantes.

Para a pesquisa, foram utilizadas, como instrumento, entrevistas realizadas com 30 jovens de 15 a 17 anos, estudantes do Ensino Médio de um colégio da rede pública, em Campo Mourão - PR. Tais entrevistas foram

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão. E-mail: [lukaluz24@hotmail.com](mailto:lukaluz24@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campo Mourão.



realizadas em duas etapas com cada um dos participantes. Na primeira etapa, o instrumento foi composto por várias questões referentes à identidade, interesses, atividades cotidianas, visão de mundo ideal perspectiva de futuro dos jovens. A segunda etapa, realizada posteriormente, com intervalo de 45 dias, objetivou retomar as colocações dos sujeitos, possibilitando a confirmação, reflexão e aprofundamento dos relatos iniciais.

A partir dos dados coletados, identificamos, nos relatos dos jovens, os episódios (momentos, espaços, relações e reflexões) que apresentam as influências das diferenças de gênero nos processos de socialização e educação.

## **2 APONTAMENTOS DE GÊNERO**

Ao abordarmos o gênero, é importante compreender que o conceito desse termo implica diferentes significados culturais construídos conforme o tempo e espaço. Vianna e Ridenti (1998) mencionam que o gênero vincula-se as atribuições sociais e culturais.

As diferenças de gênero influenciam a constituição de valores, crenças e visões de mundo que perpassam papéis, escolhas, possibilidades e limitações, estabelecendo muitas vezes relações de desigualdade entre homens e mulheres (ARANTES, 2008; STACH-HAERTEL, 2009). Do ponto de vista biológico, as diferenças de gênero se manifestam de forma evidente. O que se constata, no entanto, é que tais diferenças, inicialmente biológicas, transformam-se em desigualdades e discriminação, disseminadas pela sociedade (SASTRE et al., 1999). Em vista disso, as considerações de Sastre et al. (1999) nos auxiliam ao apontar que,

a força do costume faz com que se aceite com naturalidade que os textos escolares situem os homens e os meninos em um status social superior ao das mulheres e das meninas; faz com que os meninos sejam representados realizando realidades socialmente valorizadas enquanto se relegam às meninas atividades consideradas de segunda ordem. Também a força do costume faz com que os rapazes sejam estimulados a se identificar com modelos de comportamento agressivo que



dificultam sua entrada no mundo das relações interpessoais e dos vínculos afetivos; isso acaba condenando-os a resolver os problemas por caminhos violentos. Existe, portanto, uma importante discriminação por razões de gênero. (SASTRE et al., 1999, p. 19).

Montserrat Moreno (1999), em seu livro *“Como se ensina a ser menina”*, aborda a questão do androcentrismo na construção das representações de meninos e meninas, e inicia seu texto colocando em questão a não neutralidade da Ciência. Assim, ressalta que:

A discriminação da mulher, as características negativas que lhe têm sido atribuídas têm-se apoiado freqüentemente em concepções científicas [...], profundamente influenciadas por preconceitos ideológicos, dos quais a ciência atual não está isenta. É preciso contemplá-la, pois, com espírito crítico e transmitir este mesmo espírito aos jovens. (MORENO, 1999, p.22).

Moreno (1999) alude que, durante milênios, o conhecimento que hoje assumimos por científico foi influenciado pelo chamado pensamento androcêntrico, pensamento esse que prega a superioridade masculina. Para a autora, o ensino escolar apresenta influências na formação da identidade de meninas e de meninos, interferindo nas representações dos papéis de gênero que são originários de um dado contexto histórico. Ainda que todos tenham acesso às mesmas explicações e realizem as mesmas tarefas, os ensinamentos apresentam diferenças, influenciando seus comportamentos e representações dos papéis de gênero. Por meio desta formação, passada a ambos os sexos, o machismo torna-se paradigma não apenas de meninos, mas também de meninas que, educadas sob esta perspectiva, não são levadas a questioná-la e acabam por se sujeitarem às injustiças, aceitando e defendendo estas ideias e até mesmo transmitindo-as. Perante esse quadro, uma das medidas a serem tomadas, de acordo com a autora, é transformar a educação e a forma como são passadas aos jovens as representações de gênero.

Para Fukuda, Brasil e Alves (2009), há diferenças históricas, socialmente constituídas pela humanidade nas suas vivências culturais, que conduzem a



diferentes comportamentos e atitudes de homens e mulheres. Buscando apontar os fatores de risco e proteção relacionados ao gênero e que ocorrem sobre a juventude, as autoras apontam a existência de diferentes ciências e perspectivas epistemológicas que vêm a se ocupar dessa temática, o que evidencia a amplitude das influências que as diferenças de gênero exercem nos processos de socialização dos jovens. Para esses autores, além da diferenciação do sexo, são muitos os registros que enfatizam a desvalorização da mulher no que tange a vários aspectos sociais e econômicos, sendo alguns deles: o benefício público, o acesso a cargo políticos, a violência doméstica, a inserção no mercado de trabalho e outros.

Sposito (2003) também nos auxilia ao enfatizar a existência de uma discriminação por gênero. De acordo com esta autora, em 2001, 17,4% das mulheres de 24 anos encontravam desempregadas, contra 9,3% dos homens. Além disso, há também a diferença salarial entre homens e mulheres, sendo que as mulheres possuem salários inferiores aos homens. Para a referida autora, as mulheres tendem a assumir responsabilidades domésticas, ficando assim mais ausentes no mercado do trabalho. Deste modo, alega:

[...] entre os jovens que não estudam nem trabalham, a maioria estava situada nos extratos mais pobres. Quase metade dos homens estava procurando trabalho, enquanto 48% das mulheres já tinha construído família (muitas delas chefe de família) e 58% já tinha filhos. As responsabilidades tradicionais do trabalho doméstico feminino explicariam em parte a ausência das mulheres jovens no mercado de trabalho e no sistema educacional [...]. (SPOSITO, 2003, p.18).

Referindo-se à escolarização, Sposito identifica algumas diferenças em função do gênero. Ao analisar os dados do contexto brasileiro, afirma que as mulheres representam mais vantagens do que os homens, diante disso, argumenta:

A análise por sexo revela que, na média, as mulheres continuam em vantagem sobre os homens, vantagem que se ampliou entre 1991 e 2000. Em termos da população brasileira com mais de 7 anos de idade, as mulheres tinham 0,2 ano de estudo a mais que os homens em 1991. Essa diferença se



ampliou para 0,3 anos de estudo por ocasião do Censo 2000. Esse diferencial é ainda mais acentuado na população jovem, em que a diferença, que se manteve inalterada no período, é igual a 0,7 ano de estudo. (SPOSITO, 2003, p. 14).

Moreno (1999) aponta que o ensino no contexto escolar apresenta influência na formação da identidade dos jovens, uma vez que a figura masculina apresenta destaque social. Os materiais didáticos são carregados de ideologias, pois, nas ilustrações, as figuras masculinas contidas nos livros expressam atividades diferentemente das mulheres, sendo algumas delas: profissões de médicos arquitetos, astronautas etc. Já as ilustrações de mulheres representadas nos livros, aparecem fazendo atividades domésticas, atividades essas, que socialmente no decorrer da história foram se tornando próprias do sexo feminino, que visa significados ideológicos. Para essa autora, os livros além de nos ensinar a ler são impregnados de códigos e símbolos sociais, que consiste em uma ideologia sexista historicamente construída, induzindo os alunos a uma maneira particular de interpretar o passado e preservar seus valores, construindo padrões na conduta de ambos os sexos.

[...] a linguagem e a forma como se ensina não são, pois, imparciais, mas estão impregnadas de ideologia androcêntrica e contribuem ativamente para padrões inconscientes de condutas de meninas e meninos, padrões que vão continuar atuando ao longo da vida e vão nos parecer como imodificáveis, graças à aquisição precoce. (MORENO, 1999, p. 43).

Entendemos, com respaldo nas colocações de Moreno, que o sistema educacional, como qualquer outro meio de socialização, tem uma contextualização histórica e social, e por isso, em alguns momentos, reproduzem as estruturas de poder, de privilégios de um sexo em relação ao outro em nossa sociedade, em especial na instituição escolar.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os dados analisados qualitativamente apresentaram elementos consistentes que indicam diferenças de gênero entre os participantes. Essas diferenças foram explanadas em vários trechos dos jovens entrevistados,



existindo semelhanças entre os relatos de jovens do mesmo gênero e diferenças quanto ao gênero oposto. Vejamos:

“Eu acordo, agora eu aprendi a fazer café porque minha mãe está trabalhando e acorda primeiro que eu. Então eu tenho que me arrumar, vou ver uma coisinha ou outra, troco meu irmão dormindo, porque ele acorda stressadinho. Ai eu acordo ele, ele vai se arrumar come, a gente vem pra escola, na hora de sair eu o pego na escola. Então a gente vai embora. Eu chego em casa, faço almoço, vou limpar a casa.” **(feminino, 16 anos).**

“Na 3ª e na 5ª eu faço curso de informática, arrumo a casa, lava roupa, faço comida, serviços de casa.” **(feminino, 15 anos).**

“Tenho 16 anos e gosto de estudar, fazer cursos de informática, jogar bola, trabalho de garçom na pizzaria, sou torcedor do Santos, fanático. Trabalho todos os dias e folgo na quinta.” **(masculino, 16 anos).**

“Acordo de manhã, tomo banho, venho pro colégio, volto, almoço. Tem dia que eu vou trabalhar com meu tio, tem dia que eu fico em casa, de 2ª e 6ª eu treino aqui no colégio.” **(masculino, 17 anos).**

Nos relatos femininos evidencia marcas explícitas da responsabilidade das jovens nos afazeres domésticos, elencando com recorrência as tarefas de casa. Em contrapartida, os jovens do sexo masculino parecem dedicar mais tempo aos estudos, cursos, ao trabalho e ao lazer. Assim, enquanto as jovens privilegiam atividades e aspirações voltadas para o âmbito privado, os jovens do sexo masculino acabam colocando em primeiro plano as preocupações voltadas para o âmbito público.

As idéias proferidas por Sastre et al (1999) nos auxiliam na interpretação desses dados, ao apontar que os costumes que são atribuídos socialmente permitem que aceitemos com naturalidade que os homens e os meninos situem-se em um status social superior ao das mulheres e das meninas. Do mesmo modo, Vianna e Ridenti (1998) afirmam que há, socialmente, uma divisão baseada em padrões masculinos e femininos. Essa divisão é proveniente de diferenças, a princípio biológicas, mas que, devido aos valores, costumes e interpretações, passam a nortear a organização de toda a sociedade, definindo padrões masculinos e femininos.

Ao questionarmos acerca das atividades que consideram que fazem bem (*Das coisas que você faz, o que você diria que faz bem?*), grande parte





das respostas dadas pelas jovens nos confirma, mais uma vez, a realização de tarefas voltadas para o âmbito doméstico, embora tenham o desejo de desempenharem atividades externas para terem seu próprio dinheiro e serem, de certa forma, autônomas. Apenas três jovens citaram estudos e cursos, as demais apontaram, em sua maioria, tarefas ligadas ao grupo doméstico. Podemos observar nos fragmentos a seguir:

*[Das coisas que você faz, o que diria que você faz bem?]* Arrumar a cozinha da minha casa. **(feminino, 16 anos)**

*[Das coisas que você faz, o que diria que faz bem?]* Cozinhar. *[É você que cozinha na tua casa?]* É. *[Todos os dias?]* Todos os dias. **(feminino, 16 anos)**

*[Das coisas que você faz, o que diria que faz bem?]* Acho que cuidar da casa, do meu irmão e estudar, nem tanto, mas... **(feminino, 15 anos)**

*[Que tipo de coisas que você faz que você diria que faz bem?]* Eu acho que o que eu sei fazer bem é cozinhar, limpar a casa. **(feminino, 15 anos)**

Ao indagar os jovens do sexo masculino, tendo como referencial a mesma questão (*Das coisas que você faz, o que você diria que faz bem?*), percebe-se certa diferença entre as respostas. Esses jovens tendem a referenciar atividades como: esporte, desenho, trabalho e, com grande ênfase, os estudos. Vejamos os trechos a seguir:

*[Das coisas que você faz, o que você faz bem?]* Estudar. [...] Matemática, química, física, educação física. **(masculino, 16 anos)**

*[Das coisas que você faz, o que me diria que faz bem?]* Ah, tudo. *[Por exemplo?]* Eu estudo, não falto na aula. **(masculino, 17 anos)**

*[O que você diria que você faz bem?]* Trabalho, esporte. **(masculino, 17 anos)**

Como podemos verificar, mais da metade das jovens do sexo feminino cita atividades relacionadas aos afazeres domésticos, enquanto que grande parte dos jovens do sexo masculino aponta atividades relacionadas aos estudos e a cursos.

Os relatos dos participantes, portanto, sugerem grandes diferenças nos processos de socialização e educação voltados para os jovens do sexo feminino e do sexo masculino. Para Sastre (1999), em plena



contemporaneidade, alguns princípios desse modelo de escola permanecem, influenciando intensamente a formação dos sujeitos; nesse sentido, a escola limita-se a abrir suas portas à população feminina, mas ignora o fato de que o conhecimento selecionado e priorizado já traz, em si, uma diferenciação vinculada ao gênero.

Ainda com base nos dados, ressaltamos que, em comparação às jovens, há mais jovens do sexo masculino inseridos no mercado de trabalho, tendo sua renda própria, conseguindo conciliar trabalho e estudo.

Quanto aos jovens do sexo masculino, os relatos indicam que estes parecem usufruir de mais tempo para os momentos de lazer e liberdade para saírem à noite. Isso ocorre mesmo com aqueles que não estão inseridos nos trabalhos remunerados, ainda que auxiliem nos afazeres domésticos. Vejamos os fragmentos abaixo:

*[Você está trabalhando atualmente?]* Estou. *[Você já tinha trabalhado antes?]* Eu trabalhava em mercado, trabalhei 3 anos. Desde os 14. *[Você tem registro lá?]* Tenho. *[E você sempre trabalhou e estudou?]* É, eu gosto. *[Como é tua rotina?]* Bom eu acordo, chego sempre atrasado no colégio, 7h35min mais ou menos, chego em casa, almoço às 11h50 mais ou menos, vou pro serviço, saio de casa 12h50, vou de moto rapidinho, chego lá e começo, paro umas 15h30 pra tomar um café, volto às 16h e fico até às 21h30. *[Além de trabalhar e estudar, o que mais você faz?]* Eu gosto de sair. Bastante. **(masculino, 17 anos)**

De manhã eu venho pro colégio, estudo até meio dia. Saio, chego em casa, almoço, como eu não estou trabalhando, como eu falei, eu ajudo em casa. Umas 14h eu vou ajudar minha mãe na casa, daí eu durmo até 14h e depois ajudo ela. Quando tenho **treino de futebol** à tarde, às vezes começa 16h, então eu termino o serviço em casa e já vou pro treino. Quando não tem treino, depois que termino fico mexendo no computador, **à noite eu saio**, vou na casa dos meus amigos, andar. **(masculino, 16 anos)**

Ao serem questionados acerca do plano para os próximos 5 anos, o desejo de sair da casa dos pais, aspiração citada apenas por participantes do sexo feminino. Acreditamos que esse anseio, em parte, pode ser reflexo da falta de liberdade para desfrutar de tempo para lazer e diversão. Os depoimentos abaixo explicitam esse desejo:

*[Quero] sair de casa [você quer sair de casa e pra isso você tem que fazer o que?]* trabalhar... quando eu fizer 18 anos. *[só pode trabalhar quando fizer 18 anos?]* não, posso trabalhar agora, mas não tem como, estou fazendo curso, estudando, vou





arrumar um emprego pra ganhar 100 reais por mês, prefiro ficar em casa, pois só salário vai ser menos, mas o serviço é o mesmo, vai cansar, prefiro cansar em casa. **(feminino 16 anos)**.

*[Quais são seus planos para os próximos 5 anos?]* Terminar meus estudos, começar uma faculdade, minha carteira de auto-escola, sair da casa de meus pais, porque vai ser difícil, mas se não for assim ficar debaixo só dos braços dos pais não vai dar certo, tem que preparar, o que não é fácil. Em cinco anos, acho que é isso. **(feminino, 15 anos)**

Vejamos ainda outros depoimentos que apresentam os planos das jovens para os próximos 5 anos:

*[Quais são seus planos pros próximos 5 anos?]* Eu quero estar morando sozinha, ter um meio de transporte, de preferência um carro, e queria ter um filho, mas eu não tenho vontade de ter um filho, eu tenho vontade de engravidar. **(feminino, 16 anos)**.

*[Quais são seus planos pro próximos 5 anos?]* Casar, trabalhar e ter um bom emprego, poder ajudar minha mãe. **(feminino, 16 anos)**

*[Você tem planos para os próximos 5 anos?]* Tenho. De casar, fazer uma faculdade, só. **(feminino, 17 anos)**

*[Quais são seus planos para os próximos 5 anos?]* Daqui a 5 anos vou estar com 20. Daí vou estar casada, porque eu vou casar, como eu falei pra você. Então, acho que vou terminar de estudar, ter meu emprego, sei lá, qualquer coisa, estudar mais pra ter uma profissão. **(feminino, 15 anos)**

Nos exemplos apresentados, a pretensão de construir família, ter filhos e casa própria são discursos recorrentes das entrevistadas. Em muitos casos, o desejo de casar e ter filhos pode refletir o modo como as jovens encontram de sair da casa dos pais. Ademais, é necessário ponderar acerca das possíveis implicações do casamento e da maternidade na vida das jovens, o que, em muitos casos, acaba implicando em seu distanciamento dos estudos e do mercado de trabalho. A este respeito, Sposito (2003) enfatiza que as responsabilidades tradicionais do trabalho doméstico feminino explicariam em parte o não acesso das mulheres jovens no mercado de trabalho e no sistema educacional.

Diferente das perspectivas de futuro das jovens, os planos para os próximos 5 anos relatados pelos participantes do sexo masculino estão direcionados principalmente para o trabalho, o estudo e as aquisições



materiais. Nos relatos de alguns jovens do sexo masculino, estudo e trabalho aparecem ainda como indissociáveis: é preciso estudar para ter um bom trabalho, e, mesmo que tenham dificuldades, pretendem conciliar estudo e emprego. Vejamos os trechos a seguir:

*[Quais são seus planos para os próximos 5 anos?]* Terminar a escola, o Ensino Médio, trabalhar de dia e fazer faculdade à noite, de Ciências Contábeis. **(masculino, 16 anos)**

*[O que você planeja para os próximos 5 anos?]* Estudar, estudar e estudar...tentar entrar na faculdade e quando terminar a faculdade procurar um emprego, sossegado, e que possa me dar uma vida estável pra mim e pros meus pais. **(masculino, 17 anos)**

*[Planos para os próximos 5 anos?]* Trabalhar e estudar. **(masculino, 15 anos)**

*[Você tem planos pros próximos 5 anos?]* Estudar muito. *[O que mais?]* Eu quero é estudar e ver, se der certo (porque nós estamos gravando já), eu quero gravar pelo menos um CD nesses 5 anos. **(masculino, 15 anos)**

*[Você tem planos para os próximos 5 anos?]* O que eu estou fazendo agora são cursos, de administração, de informática, de inglês... Tentando arrumar emprego, que dê pra comprar uma roupa, um calçado. Isso, no decorrer dos cinco anos. **(masculino, 15 anos)**

Assim, é relevante analisar que as diferenças nas perspectivas de futuro dos jovens e das jovens não podem ser interpretadas apenas como uma opção ou uma preferência do sexo feminino ou masculino, mas como condicionantes que podem dar origem a desigualdades que vêm se perpetuando nas últimas décadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou diferenças de gênero nos relatos dos jovens entrevistados, apresentando em alguns casos uma desigualdade nas relações e na valorização das atividades almeçadas e exercidas.

Observamos que os jovens em seus depoimentos ainda trazem com muita recorrência valores tradicionais e hierarquizados, enunciando a valorização da vida pública pelos jovens do sexo masculino (estudo, emprego,



trabalho) e na vida privada pelas jovens do sexo feminino (família, casamento, afazeres domésticos).

Concluimos que é preciso traçar cogitações acerca dos processos educativos e de socialização voltados para a juventude contemporânea, a fim de questionar determinados papéis que são naturalizados automaticamente na escola.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria. Resolução de conflitos e violência de gênero: trabalhando as desigualdades na escola. In: **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, SC, Agosto de 2008.

FUKUDA, Claudia Cristina; BRASIL, Kátia Tarouquella; ALVES, Paola Biasoli. Fatores de risco e proteção: considerações sobre gênero. In: LIBÓRIO, R.; KOLLER, S. **Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

MORENO, Montserrat et al. **Conhecimento e Mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

SASTRE, Genoveva et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

SPOSITO, Maria Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STACH-HAERTEL, Brigitte. **A constituição das subjetividades legitimadoras das desigualdades de gênero**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. IN: AQUINO, Julio G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998, p. 93-105.